



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **A INFLUÊNCIA DA ORIGEM DOS IORUBÁ NA ÁFRICA PARA A FORMAÇÃO DO CANDOMBLÉ DE MATRIZ IORUBÁ NO BRASIL**

Luciano Lima Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil.

Endereço eletrônico: [lucianolimasouza@hotmail.com](mailto:lucianolimasouza@hotmail.com)

Marcello Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil.

Endereço eletrônico: [moreira.marcello@gmail.com](mailto:moreira.marcello@gmail.com)

Daisy Laraine Moraes de Assis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil.

Endereço eletrônico: [daisy.assis@superig.com.br](mailto:daisy.assis@superig.com.br)

### **RESUMO:**

O presente texto tem como objetivo realizar reflexões acerca da influência da origem dos iorubás na África para a formação do candomblé de matriz iorubá no Brasil. Nesse sentido, vale ressaltar que um dos principais fatores de estabilidade social na cultura iorubá é a religião, por este motivo, é imprescindível entender como o homem é concebido na perspectiva desta cultura e compreender, também, como se deu a estruturação de sua cosmogonia e de suas influências na formação do candomblé de matriz iorubá no Brasil. Esse processo, no entanto, deve considerar os aspectos interconectados que envolvem a mitologia e a história deste grupo social. A compreensão sobre a origem do povo iorubá precisa ser refletida à luz da sua concepção, considerando-se a tradição oral, os seus marcos históricos, bem como o contexto em que seus agentes sociais se encontravam. Nesse sentido, as narrativas mitológicas utilizadas por esses sujeitos sociais para explicarem sua origem, fazem parte de um denso corpo de contos da mitologia iorubá, que, pelo menos até o final do século XIX, tiveram uma tradição religiosa marcadamente oral, na qual os mitos e a memória coletiva desempenharam e ainda desempenham um papel muito importante na compreensão de suas realidades e histórias. A oralidade e a mitologia acabaram por permear a construção das relações no âmbito da sociedade e dos contatos com o sagrado. Com referência à criação da humanidade e do mundo, por exemplo, os mitos de origem, perdidos em um passado

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

imemoriável, foram, durante séculos, repetidos e recontados, servindo não só de fundamento cosmológico, mas também como mecanismo de entendimento da estrutura de funcionamento da vida em seus mais diversos aspectos. Além disso, por muito tempo, as explicações da tradição oral foram os principais referenciais de conhecimento sobre as próprias trajetórias no tempo e no espaço do povo iorubá. O dinâmico movimento que envolveu mitologia e história entre os iorubás fez com que, muitas vezes, os seus mitos fossem modificados ou adaptados por seus sujeitos sociais em determinados contextos, ao mesmo tempo em que a tradição oral absorvia eventos históricos de determinada região. Conforme Woortmann (1978, p. 12): “os iorubá possuem uma nítida consciência histórica, o que não impede, todavia, que a história seja mitificada, no que, ademais, não se diferenciam eles de outros povos também complexos”. Assim, entender a história iorubá requer, assim, um esforço duplo, desde a leitura da sua rica mitologia, à iniciativa contínua dos estudos marcados pelos vieses históricos, antropológicos, linguísticos e arqueológicos. No Brasil, os comportamentos e as crenças religiosas que resistiram com o fenômeno do tráfico negreiro contribuíram para a perpetuação do fundamento e da natureza cosmogônica iorubá no Brasil. Na África, por exemplo, no território dos iorubá, como o destaca Verger (2002), a religião e o culto às divindades já haviam se tornado fruto de inconstantes ajustamentos, interpenetrações e amálgamas de elementos variados, dependendo da localidade ou mesmo dos sub-grupos dessa etnia. Nos candomblés de matriz africana iorubá, fundados no Brasil, estas interpenetrações e ressignificações de elementos também ocorreram. Historicamente, encontra-se nas tradições orais várias referências que contam e mantêm vivas as listas de reis e das dinastias locais (BASCUM, 1984, pp. 10-12). Tanto a mitologia quanto a história dos iorubá apontam para *Ifé* como um ponto de difusão religiosa e de legitimidade política na região. Se na mitologia essa cidade ocupa um papel central na explicação da origem do mundo, nos estudos históricos, tal fato é confirmado. Mesmo que estes vínculos fossem mais religiosos e políticos do que de origem histórica, em quase todas elas as linhagens de reis e chefias conduzem a antepassados que, apesar de pertencerem muitas vezes a um tempo mitificado, foram associados aos descendentes diretos dos filhos de *Odùduwà*, e de *Ifé*. Assim, a tradição se tornava legítima e a invenção era esquecida com o tempo (HOBSBAWM & RANGER,

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

1984, p. 9). Percebe-se da mesma forma que essa filiação, presente não só nos mitos como também nos relatos genealógicos, foi também um elemento legitimador de referência na formação do candomblé de matriz iorubá no Brasil. Nesse caso, uma leitura histórica do mito de *Odùduwà* revela uma possível representação do dinamismo de expansão da cidade de *Ifé* sobre outras cidades que também falavam o iorubá e, de maneira similar, revela, também, o dinamismo das interpenetrações de culturas diversas na formação e difusão do *ethos* iorubá no Brasil, que insiste em buscar suas raízes em terras africanas. Assim, o tráfico de negros, oriundos das diversas regiões do continente africano, fez com que esses povos, no processo de escravização, se adaptassem aqui no Brasil *a universos fragmentados e fraturados e vivessem situações precárias, instáveis e imprevisíveis* (GRUZINSKI, 2001). Portanto, a história dos iorubás em África, aqui no Brasil, é reinterpretada, revisitada, ou seja, misturada nos espaços culturais e religiosos dos afro-brasileiros com traços africanos, ameríndios e cristãos, fazendo emergir elementos novos, às vezes contrastantes ou mesmo rejeitados, por causa do caráter difuso das origens africanas. Adékòyá (1999) chama a atenção para que o Candomblé não seja compreendido apenas como uma religião, mas como uma *comunidade representativa da cultura negra* (p. 122), com as peculiaridades dos processos histórico-culturais, vivenciados pelos negros no Brasil, diversificando-se em suas representações daquilo que os negros viveram na África. Nesse sentido, a complexa rede de filiações entre os diversos terreiros utilizados neste estudo, toma como base para a análise a vinculação com a matriz africana iorubá de dois importantíssimos terreiros de candomblé da Bahia: o Ilé Asè Iyá Nassô Oká – Casa Branca do Engenho Velho – o conhecido Candomblé da Barroquinha e o Ilé Òsùmàrè Aràkà Asè Ògodo – Casa de Oxumarê, como é popularmente conhecido. A origem e a fundação destes terreiros conectam-se a ancestrais africanos trazidos para o Brasil durante o regime escravocrata, marcando, assim, nesses espaços, a resistência cultural, a preservação da memória e da tradição e a transmissão dos saberes ancestrais, que ali circulam e se propagam para os terreiros de candomblé que deles descendem. Desta forma, duas redes de *connected histories* (SUBRAHMANYAM, 1997) serão tecidas para explicar o emaranhado de fios em que se forjou a memória coletiva e a tradição dos grupos sociais religiosos estudados. A princípio, trata-se da rede de conexões

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

do Ilé Asè Iyá Nassô Oká com os terreiros dele oriundos, a saber: o Centro Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, o Ilé Asè Opô Aganjú, o Ilé Asè Obá Odé Òkòóló, o Asè L'Oyá e o Ilé Asè Yanguí, no segundo momento, trata-se da rede de conexões do Ilé Òsumàrè Aràkà Asè Ògodo com os terreiros dele originados, a saber: o Ilé Alaketu Asè Airá – Asè Batistini – e o Ilé Alaketu Asè Ossayin. As trajetórias históricas dos terreiros de candomblé de matriz africana iorubá estudados, bem como as suas genealogias, se apresentam dentro da perspectiva da tradição oral “definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra” (VANSINA *apud* KI-ZERBO, 2010, p. 140) e da memória coletiva, pois se entende neste trabalho que a oralidade se constitui como fonte fidedigna para afirmação das representações dessas comunidades de matriz africana na formação de suas memórias, tradições e identidades. Nas palavras de Braga (1988, p. 20): “o candomblé forma uma comunidade onde a vida social e a vida religiosa se integram de maneira plena e inseparável”, mito e história se complementam e se legitimam em uma dialética às vezes harmoniosa, às vezes conflitantes. Assim, de acordo com Verger (2002, p. 18), considerando que o candomblé está ligado à noção da família numerosa, que engloba vivos e mortos, e que se vincula a um mesmo antepassado, pode-se prever que ao longo do processo de transmissão de saberes e tradições entre as gerações sucedâneas, alguns fundamentos primordiais tenham sido preservados, enquanto que outros, adaptados, reinventados e ressignificados, conforme o contexto de sua implantação, haja vista as influências das diversas culturas que se mesclaram no solo brasileiro. Os iorubá, em África, se organizavam em famílias extensas, que eram a base da organização social. Viviam em habitações coletivas patrilineares onde o orixá cultuado de forma principal era o do chefe da família, o pai. No Novo Mundo houve uma reinterpretação dessa organização familiar. O chefe do culto, pai ou mãe-de-santo substituiu o chefe da família tradicional e o seu orixá passou a ser o principal orixá da comunidade e uma nova situação foi elaborada, cada integrante passou a ter um orixá pessoal e suas ações passaram a ser mediadas, não a partir de suas condutas na sociedade, mas em relação à fidelidade tanto ao orixá como à comunidade religiosa da qual faz parte. Segundo Eugênio (2017, p. 54), o candomblé se configurou como uma alternativa de conagração dos negros, uma vez que ao reconstituir a família e privilegiar a

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

organização comunitária devolveu aos africanos e a seus descendentes a possibilidade de refazer os laços, reestabelecer relações e manter ou inventar tradições.

**Palavras-Chave:** Candomblé; Etnia Iorubá; Histórias Conectadas.

## REFERÊNCIAS

ADÉKÒYÁ, Olùmúyiwá Anthony. **Yorùbá: Tradição Oral e História**. São Paulo: Editora Terceira Margem, 1999.

Bascom, William. **The Yoruba of Southwestern Nigeria** (1984). Illinois, Waveland Press.

BRAGA, Júlio. **O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no Candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

EUGÊNIO, Rodney William. **A benção aos mais velhos: poder e senioridade nos terreiros de candomblé**. 1ª ed. Mairiporã: Arole Cultural, 2017.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Histórias Conectadas: Notas para a Reconfiguração de uma Moderna Eurásia. In: SUBRAHMANYAM, Sanjay: **Além das Histórias Binárias Reimaginando a Eurásia para cerca de 1830**. Tradução: Carla Marson. Michigan: The University of Michigan Press, 1997. pp. 289-315.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio, 2002.

WOORTMANN, Klaas. "Cosmologia e Geomancia: um estudo da cultura Yoruba-Nagô". **Anuário Antropológico 77**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.